



**SEGURANÇA NA INTERNET:
NOSSA BATALHA NO CAMPO VIRTUAL.**

Enfrentando a violência contra nós, mulheres,
no espaço virtual.



SEGURANÇA NA INTERNET: NOSSA BATALHA NO CAMPO VIRTUAL

Enfrentando a violência contra nós, mulheres,
no espaço virtual.



Segurança na internet: nossa batalha no campo virtual. Enfrentando a violência contra nós, mulheres, no espaço virtual.

Universidade Livre Feminista

Ficha Técnica

Coordenação geral: Cristina Lima e Jelena Dordevic

Textos: Fernanda Shirakawa, Fernanda Monteiro, Larissa Santiago

Revisão e edição: Cristina Lima - MTb 31519

Revisão Técnica: Fernanda Shirakawa

Projeto gráfico e visual: Sarah Nicodemos

Conteúdo adaptado da Guia Prática de Estratégias e Táticas para a Segurança Digital Feminista que conta com contribuições de: Carla Jancz, Joana Varon, Maria Rita Casagrande, Priscilla Brito e Beth Ferreira.

Tiragem: impressa (500 exemplares)

Realização: Universidade Livre Feminista e Centro Feminista de Estudos e Assessoria – CFEMEA, em parceria com Blogueiras Negras e Marialab.

Apoio: Oak Foundation, Ford Foundation e Fundo Global para Mulheres

A Universidade Livre Feminista é uma ação colaborativa compartilhada por Centro Feminista de Estudos e Assessoria – CFEMEA, Cunhã Coletivo Feminista e SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia.

www.feminismo.org.br

SEGURANÇA NA INTERNET: **nossa batalha no campo virtual.**



Nós, mulheres, estamos sujeitas a diversos tipos de violências em nosso cotidiano. A internet é apenas mais um espaço onde ela se manifesta.

Nos últimos anos, o movimento feminista tem ocupado a internet de diversas formas, especialmente as redes sociais. Além de nossa atuação nas ruas e em outros espaços nós, mulheres, estamos usando o espaço virtual para nossos encontros, discussões, mobilizações, organização e articulação. Isto está promovendo uma verdadeira transformação nos modos de existir do próprio movimento e da sua relação com a sociedade.

Ao mesmo tempo, têm se intensificado a criminalização e os ataques que sofremos no ambiente virtual. A cada dia, somos cada vez mais atacadas em blogs, perfis nas redes sociais quando externamos nossos posicionamentos frente ao machismo, racismo, lesbo-transfobia e outras formas de violação de nossos direitos. Querem calar nossas vozes, derrubar nossos sites, blogs, nos humilhar e usar nossa imagem como objetos.

CRIMINALIZAÇÃO E VIOLÊNCIA NO ESPAÇO VIRTUAL



A criminalização de movimentos sociais, organizações, coletivos e ativistas que defendem os direitos humanos no Brasil se intensificou a partir de junho de 2013, crescendo com o golpe institucional que destituiu Dilma Rousseff da Presidência da República e nas mobilizações “Fora Temer”. Este processo tem sido facilitado e legitimado pela vigilância nos meios digitais e pelas leis resultantes das tentativas de controle das manifestações.

Nessa conjuntura, nós, mulheres, atuando em movimentos organizados ou mesmo como ativistas individuais no mundo digital, estamos sujeitas a essa vigilância e à violência que ameaçam o direito aos nossos corpos e vidas.

Por conta dessa investida conservadora, nós nos tornamos vulneráveis aos mais diversos tipos de violências nos espaços que ocupamos ou pelos quais transitamos cotidianamente. Nos movimentos, ruas, casas, ambientes de trabalho, nossos corpos são alvo constante do assédio, do estupro, do racismo, da lesbofobia e

da transfobia, entre outras formas de discriminação e violência. Somos julgadas pela nossa aparência e comportamento. E se, nos espaços públicos, travamos uma batalha em defesa de nossos corpos e nossos direitos, o mesmo acontece nos espaços virtuais. **No caso de novos espaços públicos, como a internet, onde nós, mulheres, nos apropriamos dessas discussões?** A que tipo de violências estamos sujeitas? A violência nas ruas, nos espaços físicos tem reflexo no virtual?

Apesar da gradual ocupação desse espaço pelas organizações feministas e por feministas atuando de forma individualizada, ainda discutimos pouco a que violências estamos sujeitas na internet. Seriam as mesmas que vivemos off-line? Ou têm características específicas?



COMO PODEMOS NOS PROTEGER DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO VIRTUAL?



Os anos de luta dos movimentos feministas e de mulheres contribuíram para dar visibilidade a questões sobre violência e levaram à conquista de importantes mecanismos de proteção e apoio, como os previstos na Lei Maria da Penha. Mas, e na internet? Que mecanismos deveriam nos garantir maior proteção e apoio?

O Marco Civil da Internet estabelece, no seu 11º artigo: “[...] deverão ser obrigatoriamente respeitados a legislação brasileira e os direitos à privacidade, à proteção dos dados pessoais e ao sigilo das comunicações privadas e dos registros”. Assim, esta lei deveria nos proteger, como pessoas que acessam a rede, de termos nossos dados e comunicações interceptadas por empresas ou quaisquer outros órgãos. Mas, na realidade, o que temos, inclusive, é uma ameaça a nós através do ataque ao próprio Marco Civil da Internet, com deputados e senadores pleiteando mudanças que ferem seus princípios na tentativa de tirar a seriedade da lei.

Temos exemplos de diversas mulheres que são ameaçadas constantemente por ex-namorados, companheiros, chefes e outros homens em casos de “vingança pornô”, onde fotos, dados e outras informações são expostas, levando a violência online a extremas consequências na vida real.

Como então construir e participar de maneira segura de espaços *online*, que estão sendo constantemente ameaçados e que se tornam inseguros para as mulheres? O que devemos conhecer, entender e como reagir a ataques, ameaças e violências online que ultrapassam a barreira virtual?

ATAQUES A ATIVISTAS E COLETIVOS

A partir dessas questões, nós, das Blogueiras Negras, do CFEMEA, do Marialab e da Universidade Livre Feminista, iniciamos um mapeamento de



casos de ataques a ativistas em meios digitais e de discussão de estratégias que grupos feministas e de mulheres vêm formulando para enfrentar a cultura de ódio que se espalha pela internet e propusemos o desafio de pensar o enfrentamento das violências que acontecem principalmente on-line.

Embora no *off-line* estejamos mais acostumadas a pensar em soluções coletivas para a nossa organização e segurança, usamos ferramentas digitais sem nos atentar para os riscos a que estamos sujeitas. A luta e a resistência na internet parecem ser profundamente individualizadas e solitárias, o que torna determinadas ativistas alvos fáceis de ataques.

Outra reflexão importante é como usarmos esse espaço de uma forma anticapitalista, que questione a hegemonia dos “donos” da internet, em sua maioria homens brancos, cis e heterossexuais. Estes latifundiários das ideias controlam um volume inimaginável de informações sobre nós, que são vendidas às corporações mais questionadas e enfrentadas pelo movimento feminista, como a indústria farmacêutica, por exemplo.

VIOLÊNCIA NA INTERNET



Como um lugar onde expressamos nossas ideias, compartilhamos sentimentos e ações, a internet também é um lugar permeado por violências. Entendendo que as fronteiras entre o *on* e o *off-line* não são rígidas, e que vivemos em um mundo onde o virtual cada vez mais faz parte da nossa experiência concreta, o racismo, o machismo, a lesbofobia, a transfobia, dentre outras opressões, têm equivalências nos dois espaços.

Embora tenha dinâmicas de interação específicas, a internet é repleta de disputas de poder, discursos de ódio, expressões de amor e outras tantas iniciativas. Sua potencialidade em viralizar conteúdos, na verdade, tem sido uma forma de espalhar o ódio na velocidade típica da rede e faz com que os efeitos sofridos e sentidos sejam longos, doloridos e, por vezes, fatais.

O foco da Guia, por uma urgência e carência da discussão do assunto nos movimentos feministas e sociais, é na luta de ativistas por direitos nas redes e fora delas, uma batalha que vai contra

os sistemas de opressão em nossa sociedade e provoca a intolerância, o ódio e o afrontamento direto destes agressores que sentem seus espaços de poder questionados e invadidos, chegando a causar danos morais e psicológicos gravíssimos e criminosos a essas mulheres. Você poderá acompanhar todos estes relatos no material completo.

Mas isso geralmente traz consigo uma dúvida comum para muitas mulheres: **por que precisamos nos proteger nas redes? O que eu tenho a proteger?** Isto é muito comum quando nosso ativismo não está em foco nas redes, ou quando usamos menos os celulares ou computadores para conectar a internet. Geralmente, muitas dizemos “não tenho nada a esconder”. Mas vivemos um contexto onde a violência se dá de muitas formas diretas e indiretas. O gênero é atacado de forma social e política. Com esta visão, introduzimos a *Guia Prática de Táticas e Estratégias para Segurança Digital Feminista* e um conteúdo prático para entender porque e como se proteger e se interessar mais por este tema.

A LÓGICA ORDENADA E ESTRUTURADA DA VIOLÊNCIA

Dentro da lógica matemática e computacional, é chamado de algoritmo um conjunto ordenado e estruturado de instruções que produzem um resultado. Hoje, temos escutado esta palavra constantemente para falar sobre como redes sociais manipulam através de código comportamentos de publicidade, interação, experiência de usuário, e até mesmo ações políticas. Quando pensamos em máquinas influenciando o comportamento e o resultado dos nossos movimentos, a sensação é de paranoia e de desespero. Mas pense bem no contexto político apresentado anteriormente: a quem serve a tecnologia feita por grandes empresas tocadas por homens heterossexuais, brancos, ricos e geralmente muito firmes sobre seus posicionamentos políticos?

Ao dar exemplos de situações comuns em mídias e redes sociais que são construídas de forma premeditada através de código, estamos falando da manutenção de um *status quo*, que motiva e alimenta agressores através de comportamentos reativos que muitas vezes nem somos capazes de perceber, como

responder a uma provocação direcionada que sabemos que leva a desgaste e a mais exposição (técnica chamada de “*bait*” ou isca), ou dar mais visualizações a um conteúdo nocivo ao invés de apenas denunciá-lo. Alguns exemplos básicos dos mecanismos estruturais destas redes, que reproduzem a opressão estrutural que já conhecemos, são:

- Mostrar anúncios e perfis com base no seu perfil socioeconômico;

- Moldar seu conteúdo de forma mais amena ou mais crítica de acordo com suas reações (e constantemente exibem reações adversas em momentos extremos);

- Criar uma camada de interação que se vende como social, mas ao mesmo tempo te projeta como o centro da informação e atenção, criando posições de meritocracia, capacitismo e privilégio para quem tem condições de lidar (ou não) com as consequências emocionais desta exposição.

Feliz ou infelizmente, muitas de nós dependemos destes serviços de grandes provedores e empresas da internet para nos mantermos conectadas a pessoas queridas, mantermos nossas fontes de renda e levarmos nossos ativismos para pessoas que ainda não têm acesso a outras tecnologias seguras. É importante então conhecer a realidade que cerca este ambiente para se apropriar dela e criar um ambiente saudável para você e as pessoas que a cercam.

A QUAIS TIPOS DE VIOLÊNCIA ESTOU EXPOSTA NA PRÁTICA?



As possibilidades de estarmos em uma situação de perigo, seja *on-line* ou não, são múltiplas. Antes de entrar na paranoia, é essencial analisarmos as ameaças que são específicas do nosso contexto. Quando falamos de ameaça, não estamos falando apenas de situações do ambiente virtual. Às vezes, ataques e perseguições feitas no espaço físico nos acompanham no campo digital, como já ocorreu

com diversas mulheres que tiveram seus registros íntimos expostos em forma de pornografia na rede por vingança; famílias ameaçadas por criminosos, perseguidos por denúncias à misoginia, racismo e transfobia; gravações telefônicas feitas por meio de acesso legal e editadas para criminalizar ativistas.

Somando isto aos diversos tipos de ataques no mundo virtual como ataques em massa a *sites* e *blogs*, uso de *malwares* (vírus e técnicas maliciosas de *software*), denúncias falsas a perfis sociais, discursos de ódio, perseguições e assédios, e tantas outras formas de violência *online*, temos um cenário muito amplo, que pode não ser o mesmo para cada uma de nós. Como os contextos das mulheres são muito diferentes e formados por diversas características externas e internas como aspectos geográficos, culturais, sociais, econômicos, psicológicos, físicos e digitais, entendemos esta combinação como um conjunto de fatores que influenciam a nossa análise das ameaças. Para cada pessoa existe o que chamamos de **Mosaico de Ameaças**, e entendê-lo é o primeiro passo para saber onde focar as suas prioridades em relação a sua segurança digital.

Uma forma simplificada de fazer isto é analisar o que quero assegurar e de quem quero me proteger. Por exemplo, posso ser uma comunicadora e querer proteger minhas informações pessoais de possíveis agressores machistas, ou ser uma defensora de direitos humanos e querer proteger meus contatos de empresas e governos que têm interesses em impedir minhas ações de protesto.

Essa análise não vai te dar respostas prontas para todos os problemas, mas pode ajudar a provocar uma maior reflexão em relação à segurança digital.

Aos poucos se percebe que segurança é uma mudança de comportamento, e não um aplicativo ou programa instalado no computador ou celular. É necessário comprometimento com nossa proteção pessoal e de nossos coletivos.



O QUE POSSO FAZER PARA ME PROTEGER DOS ATAQUES NAS REDES?

A Guia Prática de Táticas e Estratégias para Segurança Digital Feminista traz detalhadamente informações e dicas sobre os principais cuidados que precisamos ter em relação à utilização de celulares e *smartphones*, atuação em redes sociais e comunicações. Aqui apresentaremos dicas básicas pra você, mas para mais informações acesse a nossa guia.

Redes sociais: Nós, mulheres, podemos ser facilmente atingidas nas redes sociais. Sempre que fazemos uma postagem que desagrade fundamentalistas, conservadores, machistas e racistas de plantão, podemos ter nossos perfis, páginas de coletivos, grupos atacados nas redes sociais.

Cuidado com a exposição nas redes e nos seus perfis pessoais. Evite deixar informações que possam levá-la a ser localizada com facilidade por opositores. Retire de seus perfis dados sobre endereço, número de telefone, e-mail (você pode deixar que utilize pouco como referência, se necessário).

É essencial verificar suas configurações de privacidade e de segurança dos serviços que está usando.

Rede de apoio: você não está sozinha! Se você atua de forma individualizada na internet: você não é obrigada, e não deve lidar com os ataques sozinha. Redes de apoio podem ser suas redes de contatos próximos ou canais em que você confia. Esta rede pode lhe dar suporte e ajudar você a segurar a onda dos ataques. No momento do ataque o fato de ler todas as postagens ofensivas pode fazer muito mal para você. Passar por isto não é necessário e pode ser muito doloroso. Procure uma companheira, amiga em quem você confia ou contate uma rede de apoio para ajudá-la nessas horas.

Juntar-se com as outras ativistas: Estarmos juntas é melhor do que sós. Assim como os misóginos e racistas estão organizados, nós também estamos. Somos várias espalhadas por todo o Brasil e dispostas a cuidarmos umas das outras. Então, busque uma rede de apoio mais próxima de você e converse. Grupos como as

meninas do #MaisAmorEntreNós, #TamoJuntas e outras mais podem ajudar você.

Denuncie: Apesar de não termos ainda uma lei abrangente de internet e crimes virtuais no Brasil, é importante saber que as leis vigentes para crimes não digitais também valem para qualquer site que preste serviço no Brasil e para todas e todos que estejam dentro do país. Ou seja: crime continua sendo crime, não muda nada se é a internet ou não. Por exemplo, uma página derrubada propositalmente, sem um motivo legítimo, pode ser um crime de difamação e injúria e cabe uma denúncia ao Ministério Público Federal (MPF), caso as pessoas envolvidas sejam conhecidas.

É bom saber que existem muitos crimes que podem estar sob a vigência da Lei Maria da Penha, a lei Antirracista (Lei 7716/1989) e o Código Penal Brasileiro.

Avise quem você acha importante saber: Em caso de qualquer ameaça ou ataque, avise as pessoas próximas a você o que está acontecendo e as prepare para as possíveis situações que

podem acontecer devido ao ataque, como receber ligações e encomendas na sua casa. Se você puder não acessar o ambiente digital, podendo delegar a outra pessoa suas comunicações, faça. Isso pode ajudá-la a diminuir ansiedades e níveis de stress. Conte sempre com alguém da sua confiança!

Algumas dicas de prevenção: No caso de postagens de conteúdos que possam gerar reações violentas, previna-se. Avise suas companheiras e seus contatos mais próximos que a bomba está para vir e que você(s) vai(vão) precisar do apoio em breve.

Revise a privacidade da sua linha do tempo e/ou de seu coletivo nas redes sociais. Não deixe brechas para acharem fotos ou para que sua *timeline* fique cheia de “recados” de uma hora para outra. Mude suas senhas e revise suas senhas de e-mail e outros serviços *on-line*.

Essas são recomendações básicas que, como dissemos no início desta cartilha, podem variar de acordo com o mosaico de ameaças a que você, ativista, está submetida. Nem tudo é garantido, mas - também como já dissemos - é

importante pensar na segurança digital como uma mudança de comportamento, um processo que se constrói no seu cotidiano. Esperamos poder ter ajudado. E não se esqueça de acessar a nossa Guia para mais dicas e informações.

Se cuide!

Fonte: Guia Prática de Táticas e Estratégias para a Segurança Digital Feminista

REALIZAÇÃO:



Universidade
Livre Feminista



BLOGUEIRAS
NEGRAS

maria
[lab]

APOIO:

OAK
FOUNDATION

GLOBAL FUND FOR
WOMEN



FORD FOUNDATION

